

A constituição do si na multiplicidade afeto-cognitiva

The constitution of the self in the affective cognitive multiplicity

Jerusa Machado Rocha

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO:

Contrariando o modo como se costumava pensar na psicologia clássica, veremos que o afeto não é apenas um colorido que se acrescenta ao agente cognitivo, mas o próprio formador do sujeito, enquanto afecção de si por si. Em suas pesquisas sobre a consciência, Francisco Varela se depara com um domínio pré-pessoal, coexistente aos fluxos de consciência enquanto tal. Esse domínio, que é o das tonalidades afetivas, se cola à própria subjetividade. O afeto como nível pré-reflexivo faz parte de uma dinâmica, denominada por Varela e Natalie Depraz ‘dinâmica da dobra’. Essa dinâmica opera uma transição do nível pré-reflexivo ao reflexivo, do pré-atento ao atento, do pré-egológico ao egológico. Essa dobra possui um duplo eixo, um que se baseia na emergência da reflexão nela mesma e que conduz ao conteúdo cognitivo; outro que se baseia na auto-afecção e que conduz a predisposições básicas e a uma gama específica de emoções. A auto-afecção será atravessada pela alteridade, sendo, a valência afetiva, a manifestação mais imediata dessa alteridade, e que dará nascimento a disposições básicas. Desse modo, é o afeto que funda a cada momento a emergência da consciência. Há nesse ponto de vista uma avaliação primordial constitutiva da experiência e não uma neutralidade primária.

Palavras-chave: afeto, valência afetiva; cognição; subjetividade.

ABSTRACT:

This text intends to discuss emotions. It will be shown here that they cannot be seen as a mere coloration of the cognitive agent, as modeled by classical psychology. The affect is immanent and inextricable in every mental act in such a way that the formation of the subject is by self-affection. Francisco Varela researches about consciousness confronting a pre-personal domain, which is a self-affection domain, that exists along with consciousness flow. This domain has affective tonality and it is glued to subjectivity. Varela and Depraz, ground on the dynamic called by them ‘dynamic of the fold’ to explain that the affect goes from the pre-reflexive to the reflexive domain, or from the pre-attentive to the attentive, or from the pre-egological to the egological. The fold has a pair of axis: one based on the emergence of reflection itself, leading to cognitive content; the other based on self-affection and leading to basic predispositions and a specific rainbow of emotions. The self-affection is traversed by alterity. The alterity gives rise to affective valence, its most immediate manifestation. Then, every moment, the affect founds the consciousness in their emergence. The evaluation of experience is primordial and, consequently, neutrality is not primordial.

Key words: affect, affective valence; cognition; subjectivity

Após o *boom* da cibernética e o surgimento das Ciências Cognitivas, vem à baila um tema que foi deixado à margem pela psicologia, ou tratado de forma ainda superficial: a participação imanente e intrínseca das emoções em cada ato mental. O papel da emoção no fluxo temporal da consciência surge como questão para os pesquisadores da cognição que se debruçaram sobre o estudo da consciência. Dentre estes se destaca Francisco

Varela, que ao contrário de alguns pesquisadores ainda cartesianos, bem como da psicologia clássica¹, não pensa a mente em oposição ao corpo e tampouco a cognição em contraposição ao domínio afetivo.

É importante explicitar aqui o modo como Varela concebe a cognição. Ao contrário da hipótese cognitivista, a qual baseia a cognição no tratamento da informação através da manipulação de símbolos – em que o pensamento seria apenas um processamento simbólico representado na mente –, para Varela a cognição é corporal e não intelectual. Conhecemos com o corpo inteiro e não apenas com a mente. Com o conceito de *enação*, Varela estabelece a importância dos baixos níveis do perceber (estruturas sensório-motoras) para que se desenvolvam os níveis cognitivos ditos superiores. Como ele mesmo afirma, “as estruturas cognitivas emergem de esquemas recorrentes de atividade sensório-motora” (VARELA, 1992:25), ou seja, o desenvolvimento cognitivo tem como pressuposto o perceber e o agir.

Fazendo uma avaliação do que se denominou *revolução cognitiva*, afirma Keith Sutherland (2001):

Na primeira metade do século XX a psicologia ficou contente em ver o problema do sujeito humano mais do que o de uma simples máquina de estímulo-resposta, devido à dominância do behaviorismo. A esterilidade (absoluta estupidez) desse projeto conduziu a assim chamada ‘revolução cognitiva’, mas isso fez um pouco mais do que substituir a máquina S-R pela máquina de Turing (p. 79).

Mas, segundo o próprio Sutherland, foi preciso ainda que o programa da Inteligência Artificial (IA) clássica mostrasse suas falhas para que as Ciências Cognitivas implementassem seus estudos na espécie *homo sapiens* mais do que em alguma máquina de lógica simbólica, ou em alguma abstração hipostasiada. O autor afirma ainda que o foco da atenção mudou da lógica matemática para a neurociência e para a biologia evolutiva (SUTHERLAND, 2001:79). Contrariando o ideal da racionalidade cientistas, como o neurologista Antonio Damásio (*O Erro de Descartes*, 1994), detectam a importância da emoção para tomar decisões das mais simples. Dentro dessa perspectiva encontra-se o biólogo e neurocientista Francisco Varela, que propôs como método de pesquisa a neurofenomenologia, uma circulação e um confronto permanente entre os níveis de experiência em primeira pessoa, sob redução fenomenológica, e os estudos em neurociência, ou seja, em terceira pessoa (VARELA, 1997).

Dando continuidade às suas pesquisas sobre o tema da consciência, Varela se depara com um domínio pré-pessoal e pré-reflexivo, que é o das tonalidades afetivas. Retomando os trabalhos de E. Husserl e W. James sobre o tempo, Varela concebe a consciência enraizada no tempo, o qual exprime um impulso que é constituinte da própria subjetividade. A subjetividade, sendo constituída no tempo e pelo tempo, não possui uma identidade imóvel consigo, mas é, como o tempo, um sair de si, uma abertura para o outro. Essa categoria temporal remete, portanto, a uma ontologia e possui uma grande importância para o estudo da consciência. O tempo é a base para

¹ Mesmo a psicologia da forma, derivada da fenomenologia, ainda privilegia a relação perceptiva. A esse respeito é importante notar que, do ponto de vista da problemática husserliana, a emoção não é relevante para o domínio teórico ou cognitivo. Os atos perceptivos e categoriais são os que dão acesso ao conhecimento do objeto. As emoções, enquanto atos não-objetivantes, são fundadas sobre os atos objetivantes, que são primariamente perceptivos. Tais atos não-objetivantes vão pertencer apenas ao campo prático, ético ou estético (DEPRAZ, 1999). A problemática afetiva ganhará relevo apenas em um momento posterior, quando Husserl desenvolverá sua fenomenologia genética, onde dará importância à constituição primordial afetiva.

a constituição da consciência, uma vez que não é ela que contém o tempo como uma categoria psicológica constituída, mas, ao contrário, a consciência temporal se apresenta como um substrato elementar ou fundamento da consciência psicológica (VARELA, 1997: 3-4). A consciência temporal é explicada aqui como o substrato último da consciência, onde, no limite, a redução fenomenológica pode ser realizada, isto é, a consciência em seu fluir temporal. Se por um lado existe uma unidade no presente, o que nos permite descrever onde reside nossa consciência básica, por outro esse momento da consciência é inseparável de um fluxo. São os dois aspectos complementares da consciência temporal muito bem apresentada por James nos *Princípios de Psicologia* (cap. IX), bem como nas *Reflexões* de Santo Agostinho. O tempo apresenta-se assim como uma experiência completamente diferente do tempo linear de um relógio, pois, ao invés de uma seqüência linear, ele possui uma textura, donde a expressão utilizada por James, “presente espesso” (*specious present*). O conteúdo focado no momento atual constitui-se como um centro que é limitado por um horizonte ou borda. Tal horizonte já é passado e, ao mesmo tempo, se projeta em direção a um próximo momento. Esses horizontes móveis englobam os três aspectos da temporalidade: esse momento extremo que era vivenciado como presente desliza em direção a um imediatamente presente passado. Tal textura do presente espesso não é apenas uma mera localização temporal, mas possui também uma qualidade vivida, ou seja, é um espaço no qual residimos, mais do que um ponto no qual um objeto passa transitoriamente. Varela distingue, a partir daí, três níveis para a temporalidade: um primeiro que se confundiria com os eventos do mundo, correntemente usada em física e em computação; um segundo formado pelos atos de consciência, denominado “tempo interno”; e finalmente um terceiro nível que constitui os outros dois, onde a distinção interno/externo não é mais possível, denominado por Husserl (1917) “tempo absoluto constituindo fluxos de consciência”.

Embora Varela retome os conceitos de Husserl de retenção e protensão, discorda que estes sejam simétricos. Retenção é o atributo do ato mental que retém fases do mesmo ato perceptual, não como representação, mas como impressão, como presença. Para que a leitura de um texto seja compreendida, é necessário retermos o sentido imediatamente lido à medida que a leitura avança. A retenção é esse contato direto com percepções anteriores numa percepção atual, ou seja, uma temporalidade estendida da percepção imediata. Nas duas pontas que compõem o presente vivo, ou seja, a da retenção que acumula o passado e a da protensão que se lança ao futuro, Varela vai privilegiar a protensão como a via de acesso ao estudo do afeto como fluxo temporal, isto é, uma abertura capaz de automovimento. Nesse sentido, propõe uma dessimetria entre a retenção e a protensão. O novo sempre se expande com o afeto e com a tonalidade emocional que acompanha o fluxo. A protensão não é um tipo de expectativa previsível, tampouco contém alguma representação do que virá, mas é tão somente “um indeterminado prestes a se manifestar” (VARELA, 1997:26). O papel do afeto ou da emoção no automovimento do fluxo será explorado por Varela com o tema da protensão, na medida em que, para ele, a subjetividade é constituída pela temporalidade como afecção de si por si. Se por um lado o afeto é constitutivo do *self*, ao mesmo tempo contém uma radical abertura, ou um inesperado, em relação ao que irá ocorrer (VARELA, 1997:27). Dando continuidade a esse trabalho, Varela e a filósofa Natalie Depraz (2000) se colocam como objetivo principal à investigação da estrutura dinâmica do momento presente em seu eixo afetivo imediato

e micro-temporal, descrevendo assim “o movimento de flutuação original, o ritmo assimétrico primário que está no coração de nossa experiência do tempo” (VARELA & DEPRAZ, 2000:149). Esse papel constitucional do afeto é um caminho já aberto por Husserl quando, por volta de 1920, ultrapassando sua fenomenologia estática do tempo, procura uma orientação genética. Essa reviravolta em sua teoria lhe permitiu tratar o tema de forma mais nítida e aguçada, pois sua concepção do tempo deixa de ser predominantemente formal e abstrata como estabelecido nas *Lições* (1905)². Varela & Depraz seguem alguns de seus *insights* em *Experiência e Julgamento* (1954).

Tal constituição ontológica não se separa, no entanto, do fato de que tais disposições emocionais são inseparáveis de nossa história como ser vivo, bem como dos micro-eventos no funcionamento de nossa fisiologia cerebral. Para dar continuidade às suas pesquisas, Varela & Depraz se apoiarão também em trabalhos empíricos (sob o método de redução), de forma a não se distanciarem das abordagens específicas das emoções vividas. Através dessa análise fenomenológica da experiência, tomam como invariante constitucional da emoção primordial³ a valência afetiva. O próximo passo metodológico será, então, fazer uma análise progressiva, ou seja, examinar tanto na neurociência como na biologia evolutiva o surgimento e desenvolvimento desse invariante na vida animal. Baseados nessas observações, os autores concluem que a emergência do momento presente surge de um germe de disposição para o movimento⁴, ou de uma *flutuação primordial* (VARELA & DEPRAZ, 2000:152), conforme veremos adiante.

O propósito do artigo escrito por Francisco Varela e Natalie Depraz (2000), objeto do presente estudo, é fazer uma análise da estrutura dinâmica do momento presente em seu eixo afetivo e seu efeito imediato (micro-temporalidade), para explicar como a dinâmica do afeto participa do processo cognitivo, uma vez que tal processo não se configura como uma instância distanciada da corporeidade. O desafio que se coloca é, portanto, o de pensar uma dinâmica temporal corporificada, onde há um co-engendramento entre os domínios afetivo e cognitivo. O agente cognitivo não pode mais ser concebido, aqui, como um si formal ou não afetivo, e as emoções como o colorido que viria sobrepor-lo.

Antes de tudo, temos que precisar o que se está denominando *afeto* e termos correlatos como emoção, sentimento e paixão. Baseando-se em sua raiz etimológica latina, Depraz (1999) define:

1) *affectio*: originou os vocábulos, afeto, afecção, afetividade. Refere-se ao plano da facticidade, ou seja, o que me chega, o que se impõe a mim, aquilo que me faz (*fait*), me constitui.

2) *Sentire, sensus*: reenvia ao registro do sentimento, da sensação e mais amplamente do sentir (tocar). 3) *Pathein, pathos*: origina o domínio da paixão, do patético, como também, sim-patia, em-patia, compaixão e desemboca no problema da passividade (a-patia).

4) *Ex-movere*: mover, colocar fora de si.

² Essa concepção temporal abstrata e desencarnada foi motivo para as críticas de Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*.

³ É importante observar essa noção de invariância em algo que se constitui como a própria potência de variação, ou seja, nessa avaliação primordial que é a valência afetiva.

⁴ No original, *motion-disposition*.

É importante observar que todos os vocábulos se diferenciam da singularidade existente na palavra emoção, que se relaciona estreitamente com o campo do movimento (*motus*), ou seja, e-moção⁵ como “movimento im-pulsionado por outra coisa que mim mesmo e que me transporta para fora de mim mesmo, sem que esse movimento contenha, entretanto, implicado nele, qualquer direcionalidade ou finalidade” (DEPRAZ, 1999:122). Já a facticidade (com o conceito de afecção) fornece o ponto de impulsão gerador do que me constitui, do que me advém. A paixão enquanto passividade (*pathos*) demonstra o estado de receptividade em relação ao que nos chega. E, por último, no que se refere ao registro do sentir, surge como resultado de uma articulação complexa do fisiológico (o corpo) e do psíquico (a alma). Essa dupla articulação entre a motricidade corporal e a mobilidade emocional carece de uma maior explicitação, que tentaremos elucidar adiante.

O modo como esses conceitos foram desenvolvidos na filosofia difere de acordo com sua sistematização filosófica, mas podemos dizer que, em sua maioria, senão em sua totalidade, a questão da emoção irá aparecer no contexto da ética ou da estética; ou seja, num domínio mais prático do que teórico, gnoseológico ou cognitivo. Mesmo em Husserl, os atos perceptivos e categoriais são atos privilegiados no acesso ao conhecimento do objeto. Tais atos objetivantes são usados como fundamento dos atos não-objetivantes, quais sejam, os que pertencem ao campo prático da ética ou da estética. Mas como o que nos importa no momento é a contribuição que Varela e Depraz estão trazendo para o campo das ciências cognitivas, vejamos primeiramente como Depraz (1999) está definindo e delimitando o conceito de emoção a partir de suas análises no campo fenomenológico.

Nas diversas transformações da teoria husserliana, que evoluiu de uma fenomenologia estática para uma fenomenologia genética, o conceito de intencionalidade permanece como um dos fundamentos principais, mesmo que Husserl passe a distinguir dois tipos de intencionalidade, uma objetivante e outra não-objetivante, que correspondem, respectivamente, ao sentimento como ato e ao sentimento como pura sensação imanente. Nesses diversos momentos teóricos de sua filosofia, a sensação imanente ganha cada vez mais autonomia em relação ao ato intencional. Depraz localiza em Husserl três momentos distintos no que se refere ao estatuto da emoção, que se diferencia em três noções diferentes: *Gefühl*, *Stimmung* e *Trieb* – todos referenciados na estruturação intencional.

A intencionalidade é definida por Husserl como a estrutura da consciência que correlaciona a vivência imanente a um objeto visado pelo ato que apreende e dá forma a esse vivido. Uma experiência será portanto intencional (*Erfahrung*) quando visa um objeto e não-intencional (*Erlebnis*) quando não se relaciona a nenhum objeto. Tanto a experiência intencional como a não-intencional possuem como condição material de possibilidade a experiência nua e crua, que se constitui, portanto, como a pedra angular do ato, sem ser, nela mesma, ato. As vivências são definidas primariamente como sensações, sem relação com um objeto ou com algo de objetivo que servirá como conteúdo material para o ato perceptivo. Portanto, a intencionalidade do ato é subordinada a um substrato sensível autônomo, e não o inverso. Entretanto, na primeira formulação de Husserl, é mantido ainda, de forma um tanto equívoca, o primado do ato sobre a vivência imanente, ou seja, não existe a possibilidade de uma autonomia da sensação imanente em relação ao ato intencional. Ele utiliza, em *Recherches*

⁵ Depraz utiliza o termo *e-motion* com base nas análise de Mazis (1993).

Logiques, o termo *Gefühl*, que se traduz como sentimento (*feeling*). Considerados neles mesmos, os sentimentos são puros estados psíquicos que recebem uma forma que é sua dimensão intencional. Husserl distingue então dois tipos de intencionalidade, uma objetivante e outra não objetivante. Essas duas intencionalidades correspondem ao sentimento como ato e ao sentimento como pura sensação imanente. O ato visa, assim, uma propriedade objetiva inseparável da excitação emocional que lhe é imanente, seguindo o modelo da intencionalidade perceptiva objetivante, não havendo, portanto, uma autonomia possível da sensação imanente em relação ao ato intencional.

Mais tarde (1900-1914) será introduzida a noção de *Stimmung*, sendo assim relativizada a tese da fundação de uma intencionalidade não-objetivante sobre a objetivante, possibilitando uma maior autonomia da vivência emocional em relação à intencionalidade do ato. Como exemplo dessa possível autonomia da intencionalidade emocional não-objetivante, podem-se citar as sensações de prazer que perduram após o ato que as ocasionou, pois são percebidas como fonte de agrado mesmo na ausência do objeto. A *Stimmung* mantém uma relação indireta com os objetos dados, conferindo a cada vivência uma coloração unificante, quer seja um clarão de alegria ou uma sombra de tristeza. A emoção é tomada em seu caráter global, sendo localizada no mundo mais do que focalizada em um objeto, o que lhe confere um estatuto de difusividade: “Ela [*Stimmung*] o faz aparecer menos como um conteúdo material determinado do que como a cor mesma dos acontecimentos e das situações, e o dota por isso mesmo de um estatuto de difusividade, de leve impregnação” (DEPRAZ, 1999:124). A *Stimmung* será definida como uma mistura de sentimentos variados em um fluxo de consciência ou como um pano de fundo obscuro dos sentimentos misturados, ou ainda como um horizonte latente de coexistência intrincada. Ela vai conferir a cada vivido “um clarão de alegria” ou “uma sombra de tristeza”, contribuindo para desfocar e desobjetivar o vivido emocional de sua subordinação ao objeto. Uma leve impregnação, mais do que um conteúdo material objetivado.

Com o conceito de *Trieb* (anos 30), Husserl coloca em evidência o tema da pulsão. Passa-se aqui para uma dimensão genética, pois o que se coloca em questão é a dinâmica mesma da produção da emoção, mais do que uma distinção entre emoção local (*Gefühl*) e emoção difusa (*Stimmung*), ambas ainda do tipo estático. De forma diversa da *Gefühl*, que se localiza em um objeto determinado, e da *Stimmung*, que simplesmente procede a um alargamento difuso da emoção, com a noção de *Trieb* é possível tomar como tema a própria dinâmica da emoção, seu modo de engendramento. A pulsão é assim designada como a fonte genética da emoção e estará ao lado de termos mais empíricos, como instinto e desejo.

Embora tornado genético e diferenciado, com a noção de pulsão o quadro intencional não é abandonado. Ele se aprofunda, tornando possível uma autonomia da sensação intencional não objetivante. Sendo assim, a intencionalidade pulsional é qualificada como obscura, latente ou passiva. Mas o que a caracteriza é colocar em foco o enraizamento corporal-carnal, sinestésico, da vivência emocional, que é advinda com a noção de *Leib*.

Antes de qualquer coisa temos que entender o que é denominado, aqui, sinestesia. Husserl diferencia sinestesia estática de sinestesia genética: a primeira se caracteriza por uma sensação localizada e localizante, em conformidade com uma análise intencional do sentimento; a segunda se liberta dessa localização objetivante da sensação para se desenvolver em uma mobilidade sensorial aberta, na forma de uma tensão interna que Husserl

chama de desejo (*Begierde*), ou ainda de tendência, aspiração (*Streben*). É sinalizada a existência de um modo de sentir que escapa a uma localização focalizada para se abrir sobre uma modalidade mais difusa da espacialização sensorial. O objeto de descrição, nesse caso, é a gênese dinâmica da sensação e não o movimento sensível e localizado organicamente que se dá à consciência. É nessa dupla postulação, entre o localizado e o difuso, que se coloca à prova a articulação entre motricidade corporal e mobilidade emocional.

Depraz se diferencia nesse ponto de outros fenomenólogos, tais como Sartre e Merleau-Ponty. Para o primeiro, a emoção se inscreve no mundo como conduta; sendo mais radical, o segundo enraíza a emoção no corpo, confundindo, assim, emoção e motricidade corporal. Sendo a emoção um modo de mobilidade, Depraz considera que não se pode simplesmente identificá-la ao corpo e a sua motricidade sinestésica, ou ao menos não se esgota aí sua descrição. É preciso caracterizar, então, qual a especificidade própria dessa mobilidade singular que é a emoção. Depraz se baseia, para tanto, em quatro pontuações: especificar seu modo de temporalidade; precisar sua articulação com a corporeidade pulsional e sinestésica (mobilidade/motricidade); definir o modo como as emoções se centralizam e, por último, descrever a gênese da vivência emocional a partir de seu centro orgânico específico.

Segundo Depraz, o modo de temporalidade da emoção se distingue da temporalidade afetiva por não ser nunca pontual. Embora singular, ela é difusa, e se inscreve na ambiência do mundo que nos circunda. Sua fonte se enraíza num impulso imanente que é da ordem do desejo e que acaba por se inscrever no corpo orgânico. Esse impulso ou pulsão se desenvolve num fluxo de vivências, num horizonte imanente que não é jamais pontual. O que alguns autores consideram ser manifestações emocionais fortes, na análise de Depraz são tonalidades afetivas e se inserem na temporalidade do acontecimento (*Ereignis*). O regime emocional procede numa flutuação incessante e, por nos atravessar continuamente, as tonalidades emocionais são dificilmente percebidas:

As tonalidades emocionais que não cessam de nos habitar e de nos atravessar a cada instante demandam sem dúvida um esforço de atenção específico, não habitual, para serem percebidas, e mesmo apercebidas [...] porque elas são extremamente flutuantes (DEPRAZ, 2000:138-139).

Embora ambas se caracterizem por sua intencionalidade passiva, na medida em que elas nos chegam, se impõem a nós sem que estejamos lá na origem, a tonalidade afetiva se dá por uma afecção súbita e inesperada, enquanto a emoção supõe uma qualidade de duração e de persistência. Essa flutuação lenta, insensível e cambiante, pode em alguns momentos se cristalizar em um determinado afeto, o qual irrompe devido ao fato de ter ultrapassado um limiar de intensidade. São momentos de “acontecimentos”, que, no entanto, não esgotam nossa vida emocional. Enquanto a afecção se dá inteira num instante, a emoção é flutuante, cambiante e constituída de infinitesimais variações, por isso mesmo fugazes e difíceis de captar: “o afeto quebra o tempo em dois, enquanto a emoção possui a qualidade contínua de uma duração em toque ínfimos de variação” (DEPRAZ, 2000:141). Embora a emoção passe na maioria das vezes despercebida, comparece e se faz presente de diversas maneiras, seja no tom da voz, nos gestos ou nas palavras usadas. Podemos ser atravessados por um desejo amoroso e só vir a tomar consciência dele numa ocasião perturbadora, como é o caso de um acidente, um

desaparecimento ou mesmo uma simples ausência. Outro exemplo é a variedade de registros emocionais que vivenciamos ao assistir um filme: alegria, prazer difuso, mal-estar, irritação, tristeza, serenidade, inquietação, etc. Essa mobilidade fluante de sentimentos aparece de forma reveladora nas mais variadas experiências estéticas. Vejamos, então, em que essa mobilidade emocional se diferencia da motricidade sinestésica pulsional.

Depraz denomina coração (*coeur*) a estrutura dinâmica de centralização funcional das emoções, ou seja, o elo de ligação entre essa mobilidade fluante e a motricidade corporal. Essa centralização impede que esse fluxo seja caótico e disperso – embora não seja cortado desse ritmo plural que estrutura, numa regulação dinâmica. Um tal centro não é transcendente às emoções, mas lhes é imanente, não se confundindo nem com a vivência emocional singular, nem com o órgão funcional de uma tal vivência. Essa regulação dinâmica esposa sua mobilidade e sua gênese. Sendo assim, é um centro genético que se descentra e se recentra num movimento incessante, no ritmo do nascimento passivo das emoções em nós. Para fazer uma articulação entre o movimento corporal/carnal e o movimento emocional, Depraz utilizará o conceito de *Leib* (carne), devido a sua dupla face constitutiva, corporal motora e carnal pulsional. Para tanto, a autora faz uma analogia entre a concepção husserliana ainda estática de ego (*moi/ich*) como o centro das vivências psíquicas, com a noção de carne (*leib*) como o centro genético das sinestesias, e com a concepção de coração (*coeur*) como o centro móvel, de fluxo e refluxo, emergente das vivências emocionais. Essa analogia articula e singulariza os três centros funcionais – *Ich*, *Leib*, *coeur* – e seus tipos de vivências – psíquicos, sinestésicos motores/pulsionais e emocionais. Inicialmente, ela faz a conversão de um centro egóico para um centro móvel estruturado por movimentos sensíveis imanentes, as sinestesias motoras. Ou seja, o ego como corpo deixa de ser um centro fixo da vontade para receber o estatuto de um centro operatório ou funcional, de onde partem as vivências psíquicas como sinestesias motoras. Mas esse deslocamento do ego para o corpo ainda não permite especificar o movimento próprio da emoção. Daí a necessidade de fazer a conversão do corpo à carne, isto é, das sinestesias motoras às sinestesias pulsionais. O conceito de *Leib* permite fazer a interface entre o ego e o coração, entre o estático e o genético, devido a sua dupla face corporal motora e carnal pulsional. Passa-se assim de um centro estático – o ego e o corpo motor – para uma centralização genética – a carne e o coração. “A singularidade dos movimentos emocionais reside em seu estatuto de mediador entre a motricidade corporal e a pulsionalidade carnal...” (DEPRAZ, 2000:145). Dessa forma, o emocional faz a passagem do corpo motor à carne pulsional; ou, ao contrário, se situa no processo de intermediação da gênese da pulsionalidade carnal à motricidade orgânica. O coração se constitui assim como o foco gerador do movimento emocional. Mas *coração*, aqui, não se reduz ao órgão que ativa a circulação sanguínea. Afirma Husserl que da mesma forma que as sensações tácteis não estão na pele como pedaços de seu tecido orgânico, a alegria e a tristeza não estão no coração como o sangue (*apud* DEPRAZ, 2000:146). Ocorre uma interação co-geradora entre a mobilidade da vivência emocional e a pulsação orgânica, seu ritmo, sua vibração incessante. Essa sensação invisível e imperceptível é a mesma dinâmica de impulsão e emergência das vivências emocionais. Uma estrutura de pulsação imanente que se descentraliza, sofre fluxo e refluxo, sem se desestruturar: “... a mobilidade da vivência emocional *ao mesmo tempo*⁶ esposa e

⁶ Grifo do autor.

ressoa sobre esse jogo de des-centramento e de re-centramento de que é feito o coração, segundo uma interação co-genética.” (DEPRAZ, 2000:147). Embora exista uma descontinuidade entre o orgânico e a vivência emocional, que lhe é irreduzível, o ritmo cardíaco descreve bem o nascimento da emoção. O que está em jogo na gênese das emoções é um duplo constrangimento: se por um lado sua dinâmica imanente está enraizada no corpo orgânico, ao mesmo tempo ela é irreduzível à base orgânica, pelo fato de não podermos decompô-la ou localizá-la em partes ou propriedades locais, em função de sua globalidade. Portanto, a mobilidade que caracteriza a emoção, devido a sua não-intencionalidade passiva e, conseqüentemente, a sua não-localização, se diferencia das vivências sinestésicas motoras (DEPRAZ, 1999:148).

O ritmo cardíaco incessante parece, segundo Depraz, caracterizar melhor a descrição do nascimento da emoção, sua auto-constituição genética, pois se trata de um centro em constante mobilidade. Essa auto-constituição genética das emoções é formulada atualmente pelas ciências cognitivas como vivência cognitiva singular, com base em uma rede complexa, interativa e auto-reguladora, do sistema imunológico, linfático e tímico, entendido como “emergência” das emoções. De forma diferente das vivências sinestésicas motoras, a mobilidade própria às emoções não é localizável. Da mesma maneira, as células linfáticas se caracterizam por sua mobilidade incessante não-localizável, uma vez que estão em incessante circulação e se renovam rapidamente. Tal modelo da emergência também se caracteriza por essa dinâmica imanente, bem como pela irreduzibilidade ao orgânico, em função de uma globalidade não decomponível em partes locais.

Embora as células nervosas não se caracterizem por essa incessante mobilidade e renovação, como afirma Depraz (1999:148), o modelo da emergência também se aplicaria a nível cerebral em sua incessante atividade de sincronia e dessincronia. Para exemplificar esse modelo da emergência no cérebro, podemos citar um ato cognitivo simples como o da percepção visual. A experiência da visão não se reduz a uma imagem na retina. Há muitos pontos do cérebro em atividade, e essa inúmeras partes ativas se reúnem para formar uma unidade, que se exprime de uma só vez, numa certa postura, num tom emocional, num movimento esboçado. Os diversos pontos do cérebro oscilam por toda a parte até entrarem em harmonia. Essas diversas ondas que se sincronizam e oscilam juntas fazem o cérebro entrar num padrão, denominado *trava de fase*. Tal sincronia é que produz a percepção e/ou movimento (VARELA, 2003:315). É como se cada oscilação fosse um tom que, ao sincronizar-se com outras oscilações, criasse uma melodia. Os padrões de oscilações cerebrais escolhem espontaneamente uns aos outros e tal “melodia”, gerada a partir dessa sincronização, constitui o momento da experiência. Logo após, esse padrão de oscilação é desfeito para que surjam novas sincronias. Essa auto-sincronização é como uma música criada, só que sem nenhum regente de orquestra, e ocorre em regiões díspares e distantes entre si.

É importante destacar que esse momento da percepção enquanto unidade não se dá isento de uma conformação emocional. Essa conformação não se acrescenta *a posteriori*, mas é inerente ao ato da experiência em sua totalidade. A emoção, essa tendência ao movimento, é como se fosse a predisposição com a qual nos encontramos com o mundo; ou seja, a percepção já possui, em sua conformação intrínseca, o emocional.

Dando seguimento a essa questão da gênese das emoções como mobilidade flutuante, Depraz, agora em parceria com Varela (2000), denominará *valência afetiva* essa flutuação primordial. Nesse trabalho, o que se coloca em questão é o domínio afetivo como elemento genético inseparável da temporalidade, que se desdobrará de uma só vez, tanto em um leque de emoções quanto em uma intencionalidade cognitiva. Tendo em vista isso, o termo *afecção* será utilizado no sentido de uma inconsciência ou afecção primária que, embora genético, coexiste com as emoções e com os conteúdos reflexivos propriamente ditos.

A imanência entre os domínios afetivo e cognitivo será explicada por Varela e Depraz (2000) seguindo a hipótese do que eles denominam *dinâmica da dobra*. Essa dobra desenvolve-se numa transição do pré-reflexivo ao reflexivo (ou do pré-egoico ao egóico, do pré-atento ao atento, do pré-noético ao noético). Possui assim um duplo eixo: um que se baseia na auto-afecção – conduzindo a uma gama específica de emoções e a disposições básicas (movimentos da face, postura, sensações da pele, etc); e outro que se baseia na emergência da própria reflexão – conduzindo ao conteúdo cognitivo. O lado mais próximo da dobra é o pré-noético e o mais distante, o conteúdo intencional.

Antes de tudo, é importante compreender a que se refere o termo *auto* de auto-afecção. *Auto*, enquanto relação de si consigo, se refere a um certo tipo de constituição subjetiva ou de identidade. No entanto, identidade aqui não se refere a uma personalidade estática. O termo identidade possui nele mesmo uma equivocidade pelo fato de poder se desdobrar em pelo menos duas significações maiores: por um lado *idem* e, por outro, *ipse*. Segundo Ricoeur (1990:13), a identidade no sentido de *ipse* não implica afirmar um pretense núcleo não cambiante da personalidade. Já a identidade no sentido do mesmo terá como sinônimo a identidade-*idem*, que se oporá, dessa forma, a identidade-*ipse*. Mas a dupla que de fato importa é o par alteridade e *ipseidade*, uma vez que não se opõem. Muito ao contrário, o importante a observar é que a alteridade é constitutiva da própria *ipseidade*: “... a *ipseidade* do si mesmo implica a alteridade num grau tão íntimo que um não se deixa passar sem o outro ...” (RICOEUR,1990:14). Sendo assim, o afeto é o elemento que, ao se repetir se diferenciando, no incessante desdobrar temporal, se constitui como uma categoria pré-pessoal e pré-egóica. Dessa forma o indivíduo, constituindo-se nesse nível pré-pessoal, não seria nem substancialidade absoluta – na medida em que a *ipseidade* se constitui no constante diferenciar-se de si mesmo(ou alteridade) –, tampouco pura relação de exterioridade, pois somos atravessados pelo tempo e por ele constituídos de forma inseparável de uma gênese também auto-afetiva. O afeto é, portanto, inseparável da temporalidade que nos constitui.

Sendo assim, o desdobrar temporal da auto-afecção é atravessado pela alteridade, uma vez que a auto-afecção é sempre uma afecção incluindo um outro, mesmo que esse outro seja o próprio si (si mesmo como outro). Na auto-afecção somos o afetante e o afetado ao mesmo tempo, ou seja, sou afetado por algo que me constitui. A auto-afecção atravessada pela alteridade é o Si vazio de si, ou em diferenciação constante de si mesmo, já que atravessado pelo desdobrar do tempo. Dessa forma, o termo *auto* de auto-afecção não está no sentido de uma identidade não cambiante, mas, pelo contrário, sendo atravessado pela alteridade, o si mesmo está em constante mutação. A manifestação mais imediata dessa alteridade é a *valência afetiva*, bem como as *disposições básicas* que daí decorrem. A valência nada mais é do que a constituição primordial da auto-afecção, sua primeira expressão, que surge como uma polaridade dinâmica. Devido a sua grande importância, a valência é

considerada aqui o germe (semente) primordial ou o *invariante constitucional*: “Iremos designar sob o termo valência a constituição primordial da auto-afecção como uma polaridade dinâmica, manifestando-se na forma de uma tensão que toma várias formas: gostar/não gostar; atração/rejeição; prazer/desprazer” (VARELA & DEPRAZ, 2000:153).

Esse par de opostos é na verdade um continuum limitado por extremos, mas que é nele mesmo uma multiplicidade. Essa polaridade dinâmica é o germe da emoção, conforme veremos mais adiante. Possui natureza transitória e inerentemente instável, uma simples flutuação a partir de um domínio pré-reflexivo, sendo apenas uma tendência, um movimento que se manifesta ele mesmo como um próximo passo. A emergência da valência leva-nos até o limiar da dobra. Estamos ainda no estágio de uma experiência enevoada, descentrada de si, mas marcada por uma polaridade própria da valência.

Os valores e avaliações constituem primordialmente nossa experiência. O *afeto* “alterado” está no coração da temporalidade (VARELA & DEPRAZ, 2000:145). É importante destacar que *afeto* é entendido aqui como força afetiva, ou seja, como intensidade ou gradação, tal como abordado por Husserl (*Analysen zur passiven Synthesis*, 1966) e descrito, também por ele, como vitalidade originária: “se ela [a força afetiva] diminui até o ponto zero, a vida cessa juntamente com sua própria vitalidade...”. Essa valência ou força afetiva manifesta-se como uma transformação dinâmica que envolve o corpo inteiro de forma complexa; que, surgindo de uma tendência, se projeta como relevo ao produzir contornos. Isso ocorre no mínimo em dois eixos principais. Em primeiro lugar, o próprio movimento do corpo já manifesta um *senal de valor*, que se situa entre uma dupla polaridade, o movimento de fuga ou o de ir ao encontro de. Em segundo lugar, esse movimento manifesta-se como uma *disposição básica*, ou seja, uma *gestalt* global composta de uma variedade de dimensões afetivas, cuja parte visível manifesta-se de diversas formas: movimentos da face, posição e postura, bem como um complexo de componentes autônomos, como por exemplo o batimento cardíaco, a respiração, sensações da pele, etc.

Retomando o que já foi dito, esse nível afetivo primordial participa de uma dinâmica (denominada *dinâmica da dobra*), que possui um duplo eixo. Por um lado, o nível auto-afetivo se desdobra conduzindo a predisposições básicas (movimentos da face, postura, etc) e a uma gama específica de emoções; por outro lado, essa mesma flutuação primordial pré-reflexiva desemboca na emergência da reflexão, que conduz aos conteúdos cognitivos e ao nível reflexivo propriamente dito. Esses dois níveis interagem entre si e se co-determinam. É importante perceber que nessa dinâmica os dois eixos se entrelaçam numa dimensão de co-surgimento, onde o nível pré-reflexivo (lado mais próximo da dobra) se desdobra em direção ao reflexivo que, por sua vez, influencia e afeta o pré-reflexivo. Essa polaridade afetiva ou valência é o que constituirá a emoção primordial, bem como o lado ativo da constituição subjetiva temporal. Nesse ponto, Varela e Depraz seguem o pensamento de Max Scheler de que nossa experiência é desde sempre constituída por valores e avaliações, ou seja, de que não existe uma neutralidade primária da experiência. Para discutir o papel da valência, Varela e Depraz irão fazer o que denominam uma análise fenomenológica re-enagida, tomando como base os trabalhos husserlianos de orientação genética, ou seja, de quando Husserl ultrapassa uma fenomenologia estática do tempo (após 1920). O principal *insight* que ambos recuperam de Husserl (*Experience and Judgement*, 1954) é a manifestação

primária do afeto como a produtora de contornos e orientações fundamentais do mundo: “Essa descoberta fundamental da análise genética coloca-nos perfeitamente no caminho da inseparabilidade entre afeto e cognição, entre valores e a vida nela mesma” (VARELA & DEPRAZ, 2000:147). Sendo assim, é com a força afetiva que o mundo ganha forma e se manifesta como *relevo* (*Abhebung*); que, ao se projetar, forma um contraste que nos desperta, como sob um golpe.

... sou afetado por algum dado sensorial, atraído por alguma tendência afetiva que me habilita a orientar a mim mesmo passivamente e receptivamente no espaço e no mundo. Em outras palavras, seja o que for que me afete, não posso ter uma experiência crua como proto-impressões ou impactos (Uraffektion) (VARELA & DEPRAZ, 2000:147).

Mesmo a primeira aparição já é invadida por tendências afetivas, num mundo esboçado pré-egoicamente. A despeito do termo *receptividade*, uma consciência pré-reflexiva está em ação, isto é, essa é uma dimensão ativa e passiva ao mesmo tempo. De saída o mundo já me toca, possui relevo, rugosidades, sendo segmentado de acordo com uma perspectiva afetiva. Surge daí a inseparabilidade entre os domínios cognitivo e afetivo. Da mesma forma, o nível que antecede a atenção e a reflexão não pode se separar da atenção e da reflexão propriamente ditas, formando um duplo elo que vai do pré-atento ao atento, do pré-reflexivo para o reflexivo. O mesmo ocorre com o domínio auto-afetivo que se desdobra em direção a um “arco-íris” de emoções.

Assim, a força afetiva ou flutuação original manifesta-se como uma transformação rápida, dinâmica, de uma tendência à emergência de contornos e formas, envolvendo o corpo inteiro como um complexo, que possui, no mínimo, dois eixos principais:

1. movimento corporificado que se manifesta como um movimento já possuído por uma força sentimental-afetiva (*feeling*). É importante destacar que o movimento faz parte integral dessa dinâmica constitutiva. Esse movimento pode ser de valência negativa, como a reação imediata que ocorre ao taparmos os olhos com as mãos para nos afastar de um perigo. Ou de valência positiva, como o prazer advindo ao escutarmos uma música que nos emociona até as lágrimas e que pode ser seguido de respiração expansiva e postura de fruição (reclinar das costas).
2. Tal movimento é inseparável de sua manifestação como disposição básica (mudança na respiração e batida do coração, sensações da pele, mudanças difusas).

Essa flutuação original se desenvolve de forma dinâmica e integrada, como numa constelação, uma vez que todos os seus momentos não são sucessões lineares, mas surgem de forma conjunta – uma tendência que é seguida por uma correspondente mudança na atenção, e que se destaca e ganha relevo, isto é, se corporifica e ganha forma e que, se manifestando numa micro-temporalidade, gera novas tendências, e assim sucessivamente. O momento presente surge dessa flutuação primordial. A força afetiva implica uma tendência que se desenvolve no tempo e como tempo.

Essa dimensão de co-surgimento é marcada, antes de tudo, pela sua singularidade no desdobrar do momento presente. É como no exemplo da música, cuja natureza compósita já se manifesta em suas primeiras notas e que, ao exprimir-se, gera tendência, movimento e disposição sentimental num único bloco. Depraz, ao adotar o termo *e-motion*, marca a importância do movimento nessa dimensão de co-surgimento (*co-arising*). Dessa forma, *e-moção* aqui não se separa de um movimento que, ao se tornar corporal, se manifesta numa micro-temporalidade.

A questão que se desdobra a partir dessa análise é se existiria um ponto zero do afeto, ou um limite para essa valência em que o ponto de neutralidade poderia ser ignorância, apatia ou indiferença. Esse seria o estado-limite da polaridade afetiva, que Husserl chama o *ponto zero do afeto*, que pode ser tanto um estado de indiferenciação pré-reflexiva como um estado de lucidez e desinteresse consciente. Esse desinteresse pode ser conseqüência de uma apatia ou, ao contrário, conseqüência de uma presença intensificada onde a valência desaparece. Essa presença intensificada surge no seio de uma tradição onde há uma busca ativa pelo lugar do não *pathos* (*a-pathia*). Varela encontra na tradição budista o que vai considerar como o coração mesmo da fenomenologia, e que é designado como *sunyata*, um estado de abertura, de plenitude e de vazio criador. Essa *a-pathia* pode ser, então, fruto de um intenso trabalho, de uma atividade de plenitude consciente, como também, ao contrário, fruto do obscurecimento e da ignorância do dia-a-dia, ou ainda fruto de um estado de indiferenciação e errância, anterior a qualquer fixação categórica.

Referências Bibliográficas

- VARELA, F. & DEPRAZ, N. - *At the Source of Time: Valence and The Constitutional Dynamics of Affect*, 2000. Disponível na INTERNET. www.arobase.to/v4_n1_2/varela.pdf. Arquivo consultado em 2002
- VARELA, F. - *The Specious Present: A Neurophenomenology of Time Consciousness*, 1997. Disponível na INTERNET via http://www.ccr.jussieu.fr/varela/human_consciousness/articles.html Arquivo consultado em 2004
- VARELA, F. - “O Estudo Científico da Consciência”. Em GOLEMAN, D.(org.) *Como lidar com Emoções Destrutivas*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- RICOEUR, P. - *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- DEPRAZ, N. - “Delimitation de l’émotion”. Em: *Émotion et Affectivité*, 1999.
- SUTHERLAND, K. - Consciousness and Emotion. *Journal of Consciousness Studies*, 8, nº 12, 2001, pp.79-82.
- MAZIS, G. - *Emotion and Embodiment: A fragile ontology*. New York: Peter Lang, 1993.

Jerusa Machado Rocha é aluna de doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ
E-mail: jerusar@ig.com.br